

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i24.46204>

Artigo recebido em: 12/12/2022

Artigo aprovado em: 02/04/2023

Artigo publicado em: 26/06/2023

ESCRITA E CONSTRUÇÃO DE SI
um olhar sobre a trajetória de Carolina Maria de Jesus

WRITING AND SELF CONSTRUCTION
a look at the trajectory of Carolina Maria de Jesus

Priscila Oliveira¹

(priscilarioli@gmail.com)

221

Resumo: O presente artigo busca esboçar alguns elementos que constituem o processo de formação da pessoa-escritora Carolina Maria de Jesus, para além da obra “Quarto de Despejo”, em contraste a um suposto estranhamento em relação a identificação com uma comunidade, ou sentimento de pertença, da pessoa-escritora “mulher, negra e periférica”. Para tanto, busca-se pontuar determinados aspectos biográficos da autora, bem como contextualizar o ambiente de sua produção, considerando o cenário sociopolítico brasileiro, em especial da metrópole paulistana de meados do século XX, procurando não sobrepor tais aspectos ao caráter estético-literário presente no conjunto de sua obra. Conclui-se dessa trajetória que para alcançar a potência criativa da narrativa e compreender como se deu a formação da pessoa-escritora Carolina Maria de Jesus, faz-se necessário articular tanto a perspectiva dos estudos decoloniais, como a crítica que se forja no solo comum das vivências práticas dos sujeitos ditos marginalizados, seja pelo recorte de classe, como de raça e gênero.

Palavras-chave: Apropriação. Pertencimento. Lugar de Fala. Decolonialidade.

Abstract: The purpose of this paper is to outline some elements that constitute the process of forming the person/writer Carolina Maria de Jesus beyond the work “Quarto de Despejo”, as opposed to a supposed alienation in terms of identification with a community or the sense of belonging of the “female, black, and peripheral” person/writer. To this end, we highlight certain biographical aspects of the author, and contextualise the environment of her production, taking into account the Brazilian socio-political scenario, especially that of the metropolis of São Paulo in the mid-twentieth century; however, these aspects should not be placed above the aesthetic and literary character of her overall work. We conclude that to access the creative power of the narrative and understand how Carolina Maria de Jesus was influenced, it is necessary to articulate both the perspective of decolonial studies and the critique based on the common

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná. Mestra e Bacharel em Filosofia pela mesma instituição.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9710988698333651>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8160-3011>.



ground of the so-called marginalised subjects' practical experiences, whether class, race, or gender.

Keywords: Appropriation. Belonging. Place of speech. Decoloniality.

INTRODUÇÃO

É o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito.

Grada Kilomba, *Memórias da Plantação*, p. 69, 2020

222

Muito já se falou, no Brasil e em terras estrangeiras, sobre a potência da narrativa de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), especialmente a partir das obras *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada* (1960), *Casa de Alvenaria* (1961) e *Diário de Bitita* (1986)², comumente descritas enquanto relatos autobiográficos. Sobre possíveis classificações das referidas obras quanto ao gênero textual, Miranda (2013, pp. 136-137) assinala que o lançamento de *Journal de Bitita* (Diário de Bitita), publicado pela primeira vez na França, em 1980, como “diário” estaria mais relacionado a uma estratégia editorial do que ao gênero da narrativa – no caso, mais afeito à categoria de autobiografia. Nesse mesmo sentido, Sousa (2012) afirma haver uma distinção tradicional entre os escritos de caráter pessoal, como o diário íntimo e a autobiografia, de modo que o primeiro seria destinado à esfera do “segredo” (âmbito privado) e o segundo da publicação (esfera pública). A pesquisadora afirma, não obstante, que o interesse do mercado editorial costuma se restringir a histórias de vida muito específicas, geralmente quando envolvem celebridades ou temas atuais (SOUSA, 2012, pp. 171-172). Outro interessante estudo sugere ainda a possibilidade de se abordar a organização narrativa de Carolina nestas três obras da perspectiva ensaística, “*sobretudo, porque no ensaio, como nos ensina Adorno, as recordações e a vida se confundem no resultado final do pensamento*” (PEREIRA, 2019).

A despeito da dificuldade inicial em circunscrever a saga ou trilogia caroliniana em um gênero engessado, importa reter que sua produção foi muito além da imagem construída, sobretudo pela imprensa, a partir da compilação dos relatos presentes em seus diários (ou

² De acordo com Germana Sousa (2012, p. 14), a primeira edição de *Journal de Bitita* foi realizada a partir de um manuscrito disponibilizado por Carolina Maria de Jesus, intitulado *Minha Vida*, por Anne Marie Métaillé, jornalista francesa, no ano de 1980. Apenas em 1986 chegaria ao Brasil como *Diário de Bitita*, publicado pela Editora Nova Fronteira.



ensaios) memorialísticos: Carolina dedicou-se às letras ao longo de anos a fio, com particular consistência e uma estética própria refletida, produzindo desde poemas a crônicas, passando por canções, contos, provérbios e até mesmo peças teatrais. É possível afirmar, do vasto material deixado por Carolina Maria de Jesus (acredita-se que muitos ainda inéditos), que seu desejo em se ver reconhecida como escritora – e poeta (MEIHY, 1996, p. 17) – era mais que uma exposição de um “sonho de favelada”, mas um projeto consciente que perseguiu por praticamente toda a sua vida.

Entretanto, o mesmo movimento que colocou a pessoa-escritora em evidência – com a descoberta e incentivo do jornalista Audálio Dantas³, possibilitando a publicação de *Quarto de Despejo* e a construção de uma leitura da obra e biografia de Carolina a partir da imagem da semianalfabeta favelada – parece participar daquilo que a condenou a posterior ocaso. Nesse sentido, certos apontamentos fazem-se necessários: primeiro, quanto a relação entre o jornalista e a escritora, especialmente no tocante à ideia comum de que a revelação do talento de Carolina seria devida *apenas* ao empenho do jornalista. Como aponta Castro (2021, pp. 16-17), a escritora produzia seus versos muito antes da publicação de *Quarto de Despejo*⁴ e já teria indicado, fosse o caso de se considerar alguma espécie de “mentor”, o nome de “Luis Catapano” em uma das entrevistas que concedeu.

Além disso, havia um descompasso que nunca chegou a se resolver em definitivo entre as pretensões do jornalista e o desejo da escritora, expresso em vários relatos e manuscritos de Carolina – que por vezes fez do próprio Dantas personagem em sua obra, como bem recorda Germana Sousa (2012). Isso porque havia uma diferença entre o modo como Carolina pretendia se ver projetada no universo letrado, especialmente por seus versos e escritos ficcionais – e o verniz editorial promovido por Dantas (por mais nobre que pudessem ter sido suas motivações), atitude tomada por muitos críticos como um exercício de paternalismo próprio a um universo classista, misógino e racista⁵:

³ O alagoense Audálio Dantas (1929-2018) construiu uma carreira notável enquanto jornalista, destacando-se sua denúncia ativa em relação aos crimes do regime militar, especialmente envolvendo o assassinato do também jornalista Vladimir Herzog. Foi premiado por seus esforços em prol dos direitos humanos pela Organização das Nações Unidas e vencedor dos prêmios Kenneth David Kaunda de Humanismo (1981), APCA (2007) e Jabuti (2017), dentre outros. Publicou vários livros em vida, para além da descoberta, compilação e publicação dos diários de Carolina Maria de Jesus.

⁴ Fato ao qual se refere, igualmente, Sousa (2012, p. 106) recordando as referências de Carolina às suas leituras pregressas de Castro Alves e Casimiro de Abreu, presentes em *Quarto de Despejo*.

⁵ Outro olhar sobre a polêmica que envolve as escolhas e o propósito de Dantas pode ser conferido na coluna de Eliane Brum, para o *El País*, disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-11-30/o-que-audalio-dantas-fez-com-carolina-maria-de-jesus.html> Acesso em 12 de dez. de 2022.



Em QD [Quarto de Despejo] e CA [Casa de Alvenaria], Audálio Dantas é um organizador discursivo cuja função é construir a narrativa por meio da eliminação de repetições, da coesão dos fragmentos, do estabelecimento de um fio narrativo entre os diferentes momentos narrados por Carolina (seqüências de datas, por exemplo), e da construção de um personagem. A montagem desse personagem implica na eliminação de falas de Carolina que poderiam comprometer a construção dos traços da personalidade da autora que Audálio queria ressaltar: vítima e não combatente; o objetivo era o de aparar as arestas da ferocidade narrativa de Carolina, de construir a imagem do conformismo (SOUSA, 2012, p. 171).

224 Vale recordar que o encontro de Dantas e Carolina ocorreu por acaso, em virtude de pesquisa de campo realizada pelo jornalista em 1958 sobre a expansão das favelas às margens do rio Tietê, no bairro do Canindé (GONÇALVES, 2014, p. 24). Dantas logo teria notado que ninguém melhor que a própria Carolina para dar voz àquela realidade, passando a publicar trechos de seus diários; contudo, ciente da potência do que tinha em mãos, preparou o material produzido por ela (selecionando trechos, realizando “correções” e suprimindo passagens) de modo a construir uma imagem que despertasse interesse editorial. Isso não quer dizer, porém, que Carolina teria sido uma farsa produzida pelo ardid do jornalista, como acusaram alguns (DANTAS, 1995, p. 5), mas que houve a construção de uma imagem da pessoa-escritora distinta daquela que a própria Carolina almejava⁶. Assim, ainda que Dantas pretendesse trabalhar o material para “dar voz” à favela por meio de Carolina, tornando-a “palatável” ao mercado editorial e interessante ao leitor conservador, acabava por reproduzir uma forma de silenciamento comum a uma sociedade de tradição colonialista e patriarcal. Isso explica, em parte, o tom da apresentação de *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*:

Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco – não por sua culpa – no deslumbramento das luzes da cidade. Agora você está na sala de visitas e continua a contribuir com este novo livro, com o qual você pode dar por encerrada a sua missão. [...] Guarde ‘aquelas poesias’, ‘aqueles contos’ e ‘aqueles romances’ que você escreveu. A verdade que você gritou é muito forte, mais forte do que você imagina, Carolina. (DANTAS, 1961, p. 10).

⁶ As polêmicas que abarcam a relação do já falecido jornalista Audálio Dantas e Carolina Maria de Jesus atravessaram gerações: atualmente, há uma disputa envolvendo a filha do jornalista e diversos pesquisadores, notadamente do Grupo de Pesquisas Decoloniais Carolina Maria de Jesus, Grupo de Pesquisa Literatura, Alteridade e Decolonialidade (GPLADe), Laboratório de Tradução da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e Grupo de Pesquisa Marginalia Decolonial, em torno de cadernos inéditos da escritora, em posse de Juliana Dantas. A esse respeito, vale conferir matéria disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/em-carta-de-repudio-estudiosos-de-carolina-maria-de-jesus-pedem-que-familia-de-audalio-dantas-entregue-cadernos-da-escritora-1-25282575> Acesso em 12 de dez. de 2022.



Envolto nessas contradições, *Quarto de Despejo* foi publicado em 1960, alçando rápido sucesso e notoriedade no Brasil e no exterior. Contudo, o público letrado, que “consumiu” Carolina ao modo como as elites costumam consumir as obras produzidas por um *outro* tomado como exótico e pitoresco – no caso, a “escritora favelada” –, logo dispensou sua atenção para novos produtos culturais, quiçá mais afeitos à sua própria estética e ao cânone literário, em consonância ao cenário sociopolítico que vai do período que antecede o golpe militar no Brasil (no qual uma “voz da favela” desperta interesse e pode ser cooptada pelo populismo desenvolvimentista)⁷ até o momento em que a ditadura instaurada solapa qualquer flerte das artes com as vozes dissonantes – vide a violenta censura aos artistas à época, mesmo aqueles que se enquadram em certo “padrão” (branco e de classe média). Para o intérprete desavisado, portanto, era como se o sucesso de Carolina Maria de Jesus e de sua narrativa fosse mais fruto de uma combinação entre acaso e boa fortuna, que propriamente da realização de um projeto estético-literário autônomo e consequente (ainda que avesso aos modelos formais).

Entretanto, apesar dos elementos externos ao próprio texto e que contribuíram para o sucesso editorial de *Quarto de Despejo* (e para seu posterior esquecimento), parece pouco verossímil que não houvesse, nas linhas dos diários, uma narrativa potente e criativa. Minha sugestão, acompanhando em parte a bibliografia mobilizada para o presente estudo, é que o referido fenômeno só foi possível graças ao modo de apropriação realizada pelas elites da narrativa de Carolina Maria de Jesus, de modo que para alcançar a potência de sua escrita, bem como para compreender a formação desta pessoa-escritora tão singular faz-se necessário analisar a sua obra à luz da crítica decolonial e dos estudos de classe, raça e gênero.

1 DISCURSO E ALTERIDADE

Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio.

Gayatri Chakravorty Spivak, *Pode o subalterno falar?* p. 126, 2010

⁷ Sobre a recepção dos textos de Carolina no exterior, vale conferir LEVINE, R. A percepção de um estrangeiro In. JESUS, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã, 1996, p. 13-19.



A despeito do fenômeno que relegou a obra de Carolina Maria de Jesus a um período de esquecimento, o interesse pela escritora retornou com força nos anos 1990, com os estudos de Meihy e Levine⁸, e novas edições lançadas com traduções para os Estados Unidos. Mais recentemente, e coincidindo com o agravamento do quadro de insegurança alimentar grave no Brasil⁹ – o que importa assinalar, já que o tema da fome perpassa de maneira central os escritos de Carolina –, outros olhares voltaram-se para sua obra, rendendo-lhe desde homenagens simbólicas, como um samba-enredo¹⁰ em 2020, uma estátua na Praça Júlio César Campos, zona sul de São Paulo¹¹, bem como o reconhecimento acadêmico e gesto de reparação histórica com a concessão do título de doutora *honoris causa* pela UFRJ¹² e a realização de uma mostra relevante e cuidadosa no Instituto Moreira Salles, na Avenida Paulista, intitulada “Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros”¹³. A exposição do IMS buscou ressaltar o aspecto multifacetado de Carolina e a consistência de sua narrativa lançando luz aos textos originais manuscritos e menos conhecidos, para além daquilo que já fora explorado com maior ênfase, invertendo assim a entrada do espectador contemporâneo ao conjunto dos trabalhos da escritora.

A curadoria do projeto pontua, no sítio eletrônico do IMS Paulista, que mais de seis mil páginas de manuscritos foram reunidas, bem como depoimentos das filhas de Carolina, documentos históricos e vasta bibliografia produzida ao longo dos anos, rendendo um “projeto estético literário definido” (MENEZES; BARRETO, s/d). Da comparação entre os manuscritos de Carolina Maria de Jesus, sem edição, e a compilação seletiva dos diários realizada por Dantas é possível entrever a diferença do projeto editorial da “escritora favelada” e do percurso de

226

⁸ Dentre os quais destacam-se mundialmente “Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus” (1994) e “The Life and Death of Carolina Maria de Jesus” (1995).

⁹ Carolina Riveira, em matéria veiculada pela Revista Exame em 06/07/2022 esclarece: “A ONU deixou de usar o chamado ‘Mapa da Fome’ como métrica de divulgação específica. Se fosse o caso, o Brasil teria voltado a partir de 2018 ao grupo de países onde a fome é um problema estrutural, do qual saiu em 2014.” É possível notar, dos dados mobilizados por Riveira, o aumento exponencial da insegurança alimentar moderada e grave no Brasil a partir do quadriênio 2018-2021, apresentando hoje os piores números desde o biênio 2008-2010. Disponível em: <https://exame.com/mundo/fome-brasil-mundo-2022/> Acesso em 08 de dez. de 2022.

¹⁰ Trata-se de “Carolina – A Cinderela Negra do Canindé”, de André Machado, para a escola de samba paulista “Colorado do Brás”, ano de 2020.

¹¹ Como parte das comemorações e homenagens ao Dia da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha. Cf. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/28/estatuade-escritora-carolina-maria-de-jesus-e-inaugurada-em-sao-paulo.ghtml> Acesso em 08 de dez. de 2022.

¹² Cf. COUTINHO, Sidney Rodrigues. Bitita é doutora: UFRJ concede título de Doutora Honoris Causa à escritora Carolina Maria de Jesus. 25 fev. 2021. In *Conexão UFRJ*. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2021/02/bitita-e-doutora/> Acesso em 15 de dez. de 2022.

¹³ Contando com a curadoria da historiadora Raquel Barreto, do antropólogo Hélio Menezes e pesquisa literária da Dra. em Letras Fernanda Miranda, bem como com um conselho externo consultivo composto por doze mulheres, especialistas em áreas afins, a exposição durou de 25/9/2021 a 3/4/2022, ocupando três andares do Instituto Moreira Salles na Avenida Paulista. Ainda é possível realizar um tour virtual pela exposição no site do IMS, disponível em: <https://ims.com.br/exposicao/carolina-maria-de-jesus-ims-paulista/> Acesso em 08 dez. 2022.



formação da pessoa-escritora Carolina, revelando a importância e a riqueza que sustenta sua obra até a contemporaneidade, tanto no Brasil como no exterior:

Acima do populismo da época e da possível demagogia que possibilitou a publicação do diário, temos essa escrita que, desconhecendo as normas lingüísticas, recria o mundo da favela em sua plasticidade, cor, som e movimento. Mas uma escrita que também reflete sobre si mesma e sobre as complexas relações entre pobres e ricos, entre intelectuais e iletrados, enfim, entre mundos antagônicos e excludentes, e estabelece com seu leitor um forte laço. Além de voz da intimidade e porta-voz da coletividade, vemos que *Quarto de despejo* constitui um exercício de metalinguagem em que Carolina descreve algumas etapas de sua formação de escritora rumo à realização de um desejo, ainda que o recorte dado por Audálio Dantas buscasse privilegiar um outro aspecto sobre os demais. Assim, a leitura comparada de *Quarto de despejo* e seus manuscritos leva-nos a refletir a respeito da analogia registrada por Carolina nas páginas finais do diário publicado: ‘A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra’ (...) Depois de ler *Quarto de despejo*, sabemos o que ele encerra – mas não capturamos a imagem que Carolina produziu de si mesma nos manuscritos: complexa, multifacetada, proteiforme e até contraditória (PERPÉTUA, 2003, pp. 81-82).

Assim, para alcançar a potência narrativa da pessoa-escritora é necessário ter em mente, ao se percorrer o conjunto da obra de Carolina, duas particularidades: primeiro, que o projeto de Carolina era voltado, sobretudo, ao desenvolvimento de uma escrita poética e ficcional, e não apenas como relato de suas desventuras enquanto mulher negra, pobre e periférica; segundo, que a narrativa de suas memórias difere sobremaneira de um solilóquio ou ruminação do *eu* de certa tradição (branca, burguesa, letrada). Esses dois aspectos são iluminados quando se promove um olhar mais abrangente sobre a obra de Carolina, não limitada aos diários publicados, mas detida especialmente em seus manuscritos e demais textos e entrevistas¹⁴. Os escritos cotidianos de Carolina fazem ecoar, ao mesmo tempo, a voz da pessoa-escritora em construção e a luta cotidiana de parcela significativa da população da maior metrópole brasileira – preterida por sua cor, gênero e carência econômica – sem que, com isso, a pessoa-escritora aceite passivamente um lugar à margem da vida. Ser preterida, para usar os termos de Carolina, é muito diferente de situar-se ou orientar-se como vítima: a sua voz é de resistência, de luta e não a mera descrição ou desabafo sobre uma condição à qual a sociedade tem condenado negros, mulheres e pobres, à revelia. É o que defende Castro:

¹⁴ Para mais detalhes sobre o processo editorial ao qual foram submetidos os textos publicados de Carolina Maria de Jesus, vale a leitura da seção *O corpo da escrita e a mão do editor: acréscimos, substituições, supressões* (PERPÉTUA, 2011, pp. 64-66).



Carolina, intelectual e poeta decolonial, testemunhou a consubstancialidade entre a opressão de raça, de gênero e de classe na forma com a qual a sociedade brasileira a tratou, mas nunca aceitou o ostracismo social ao qual sua condição periférica lhe impunha. (...) Carolina, como mostram os extratos textuais não escolhidos para publicação por Audálio, nunca se sentiu confortável com o fato de ser colocada, através do seu diário, nesse lugar de testemunha e representante das mazelas na vida na favela. Ela não se reconhecia nessa imagem de vítima, presa a um destino cruel do qual ela não podia sair com o próprio esforço, pois isso contradizia o exemplo que recebeu do avô. Para Carolina, o ser humano livre, não escravo, poderia ser o que quisesse ser (...) (CASTRO, 2021, p. 15)

228 Para compreender a altivez expressa por Carolina, a relação com sua ancestralidade é de suma importância – sublinhada por Castro na referência ao avô da escritora (ex-escravo, apresentado como sábio e austero, principal referência masculina de Bitita) –, sobretudo porque referida altivez em nada se assemelha a qualquer ode à meritocracia das elites brancas, mas sim a uma afirmação de existência digna e potência de criação da própria vida, malgrado as adversidades. Além disso, “crivar” a obra de Carolina como intelectual, para usar o termo de Meihy (1996, p. 21) só é possível ao se considerar seu lugar de fala articulado à sua narrativa sobre si, indissociáveis da pessoa-escritora que se forjou desde uma espécie de não-lugar (como *preterida*, *vira-latas*, neta de escravos), razão pela qual os estudos decoloniais são indispensáveis para demarcar o peso e alcance do discurso de Carolina para além do cânone. Nesse sentido, cabe a ressalva foucaultiana de “não pensar discurso como amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social” (RIBEIRO, 2019), na medida em que a trajetória da pessoa-escritora é marcada sensivelmente pela resistência ao poder e controle extrínsecos sobre ela exercidos. Mas a sua resistência ao poder e controle se manifesta, igualmente, na relação com o avô – de modo que se deve somar também a perspectiva dos estudos feministas na análise de sua obra:

A narradora da autobiografia rememora a figura do avô, ex-escravo, dentro do espaço doméstico, com momentos de admiração (homem negro sábio, cheio de histórias e ensinamentos) e outros nos quais ele representava um poder masculino que ela passava também a rejeitar, como no episódio, presenciado por Bitita, em que ele espanca a esposa por ela ter lavado roupa para fora para comprar farinha, sem a autorização dele. ‘E eu fiquei pensando: ‘É melhor ser meretriz, ela canta, vai aos bailes, viaja, sorri. Pode beijar os homens. Veste vestidos de seda, pode cortar os cabelos, pintar o rosto, andar nos carros de praça e não precisa obedecer a ninguém’’ (PALMA, 2017).



Em *Diário de Bitita*, a revolta e afronta de Carolina ao controle e poder exercido pelos homens – seja na figura do avô, pelo qual nutria respeito e admiração, seja pelo perfil dos homens brancos e de posses – é ainda mais evidente, de modo que a pessoa-escritora confessa, em alguns momentos, desejar “virar homem” para ocupar um lugar de “mando”, desde muito menina. Ora, a questão para Bitita (ou Carolina) é escapar à naturalização de um lugar de subordinação, não exatamente reproduzir o exercício do poder e controle. “Virar homem” representa, ao que parece, o desejo de Carolina de estar ou ocupar uma posição onde não receberia ordens, mas a partir da qual poderia assenhorar-se da própria vida. Além disso, a escritora também assume a denúncia da violência cometida pelos filhos dos patrões contra as meninas e mulheres pobres e negras. Destacam-se, nesse sentido:

A mulher que vivia com o meu avô era a Siá Maruca. Uma preta calma. Era um casal elegante. Quando conversavam, se o vovô a repreendia ela chorava, curvava a cabeça e pedia desculpas. Quando o vovô se ausentava, eu dizia:
- Siá Maruca, por que é que a senhora não reage quando o vovô a repreende?
- Não, minha filha! A mulher deve obedecer ao homem.
Eu ficava furiosa. E chorava porque queria virar homem para as mulheres obedecerem-me (JESUS, 2007, p. 78).

(...) o homem pobre deveria gerar, nascer, crescer e viver sempre com paciência para suportar as filáucias dos donos do mundo. Porque só os homens ricos é que podiam dizer ‘Sabe com quem você está falando?’ para mostrar sua superioridade. Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não devia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram do além-mar (JESUS, 2007, pp. 39-40).

Não obstante, Carolina expressou em diversas passagens sua dificuldade de compreensão e mesmo certo desprezo quanto à centralidade que algumas mulheres conferiam aos homens em suas vidas, relatando histórias tristes e sombrias de abandono de filhos, tentativas de suicídio e escândalos recorrentes no Canindé. Em seus diários, tratou de justificar e reafirmar sua escolha por uma vida independente, como mulher e como mãe, da violência e jugo masculino: “Tem mulher que diz que o homem é bom. Que bondade pode ter o homem, se ele mata e espanca cruelmente? Quando eu crescer eu não quero homem. Prefiro viver sozinha” (JESUS, 2007, p. 103).

Intuindo, a partir de Ribeiro (2019) o lugar de fala como “localização social”, é possível sugerir que a construção da pessoa-escritora Carolina Maria de Jesus é atravessada por uma espécie de estranhamento quanto a esse *locus social*: ao mesmo tempo em



que a escritora parece negar uma identificação com a favela (e com as mulheres da favela), buscando lançar-se para além dela, internaliza as múltiplas vozes daqueles que, como si, são preteridos pela sociedade tradicional. Além disso, é preciso recordar, novamente, que a construção de Carolina enquanto “voz da favela” – aquele lugar transitório para o qual migrou, saída do interior mineiro – é fruto de um projeto editorial que recortou e “poliu” trechos de seus diários de modo a ressaltar esse aspecto, e não quaisquer outros possíveis¹⁵. A leitura de Palma (2017) ilustra esse ponto, pois articula a questão da *moradia* ao lugar de elaboração das mulheres (sobretudo mães e periféricas, em uma sociedade que as silencia através da domesticação), de narrativas potentes e discursos de resistência e combate. Essas narrativas do cotidiano, como uma espécie de resistência a um sistema de opressão e silenciamento, em nada se assemelham aos diários burgueses em voga em certo período, descritos por Blanchot (2005) como uma espécie de recusa ao esquecimento a partir da própria insignificância. Segundo o crítico francês:

230

O interesse do diário é sua insignificância. Essa é sua inclinação, sua lei. Escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado. Dupla e vantajosa operação. Assim, vivemos duas vezes. Assim, protegemo-nos do esquecimento e do desespero de não ter nada a dizer (BLANCHOT, 2005, p. 273).

É possível sugerir que o discurso autobiográfico de Carolina participa daquilo que constitui e projeta a pessoa-escritora para além dos limites do gênero menor “diário”, dialogando com a realidade mais crua brasileira, de suas periferias. Dessa forma, sua fala extravasa as barreiras da insignificância apontada por Blanchot, pois não se limita à descrição do dia a dia, tampouco se reduz ao processo de autorreferenciação de uma consciência cindida, burguesa, mesclando elementos ficcionais, líricos e combativos de maneira bastante singular – algo que somente alguém daquela posição poderia produzir, como bem notaram seus defensores, dentre os quais o poeta Manuel Bandeira (DANTAS, 1995, p. 5). Ainda sobre o modo articulado por Carolina de sua narrativa, Perpétua (2019, p. 75) enfatiza um uso peculiar dos diários como uma espécie de instrumento ou meio de defesa pessoal e de seus filhos diante dos conflitos com os moradores da favela do Canindé. Se Carolina tornou-se célebre como “voz

¹⁵ Trata-se, de certo modo, da ideia de determinação de um lugar, fixado por sujeitos dominantes (ou que falam desde uma posição de poder, seja ele simbólico, político ou mesmo epistemológico), a partir do qual o Outro (ou o subalterno, pensando a partir da leitura de Gayatri Spivak) deveria figurar no mundo (SPIVAK, 2010).



da favela”, seus escritos não se furtavam a combater as injustiças vivenciadas pela escritora em sua própria “comunidade”, mesmo antes do sucesso de *Quarto de Despejo*. Como então conciliar esse interesse tão voltado a si – que Blanchot, em sua generalização, trataria como uma espécie de pequenez do “eu” (própria à forma textual do diário) –, à potência expressa na letra de Carolina Maria de Jesus?

Talvez o mais importante a se considerar, para além das questões formais concernentes aos gêneros textuais mobilizados por Carolina, fosse justamente a peculiaridade desse “eu”, sua diferença em relação àquele que se constitui, comumente, desde o lugar da plateia letrada de Carolina – indicação fornecida por ela própria, quando opera distinções entre “poeta do lixo” / “poeta dos pretos” / “poeta dos pobres” e “poeta fidalgo” / “poeta branco” / “poeta da sala de visitas” (SOUSA, 2012, p. 82), no processo de construção ou afirmação de sua identidade – observando, junto a isso, a articulação de sentido interna à própria narrativa ou dessa espécie de “ensaio de si” arquitetado pela autora.

Nesse sentido, o “eu” – Carolina Maria de Jesus – teria operado verdadeira ressignificação do “discurso do cotidiano” (CARRIJO; SANTOS, 2012), extrapolando as condições desfavoráveis que lhe foram impostas por sua realidade socioeconômica, de modo que seu desejo de se lançar para além do quarto de despejo (ou de escapar à margem) coincide com a extrapolação do cânone que sua obra atinge: assim, a pessoa-escritora é forjada na urgência da narrativa-batalha, na resistência mesma operada pela escrita marginal – ou à resistência a tais divisões, vislumbrada na comparação de seus manuscritos aos diários publicados. Seria uma maneira de enunciação do mundo concreto, em toda a sua aspereza, por uma “instância-sujeito” (CARRIJO; SANTOS, 2012) que encontra nas práticas discursivas um meio de inserção social, ou de superar a resistência e barreiras artificiais impostas pelo mundo através da linguagem poética ou da narrativa de si.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A raiva dá pra parar, pra interromper
A fome não dá pra interromper
A raiva e a fome é coisa dos home*

Aldir Blanc, *O Ronco da Cuíca*, 1974



Preta, pobre, periférica, mãe solo de três filhos e escritora: Carolina Maria de Jesus, que aparentemente teria tudo para desprezar a literatura enquanto prazer e ofício dos homens “da cidade”, fez dela seu instrumento de paz e guerra. A leitura que explica, portanto, seu *Quarto de Despejo* como uma narrativa que retrata, pela perspectiva de quem esteve à margem da sociedade paulistana, a realidade dos menos abastados da metrópole em meados do século XX não é desautorizada, tampouco equivocada. O problema é reduzir a complexidade da obra e da construção da pessoa-escritora Carolina à imagem da escrita marginal – entendendo essa como avessa ou descolada de um projeto estético-narrativo peculiar e que remonta ao seu *locus*, envolvendo não apenas a perspectiva socioeconômica, mas, sobretudo, sua ancestralidade e condição de mulher. Nesse sentido, Kilomba (2020) adverte que embora exista, de fato, nos discursos sobre a criatividade da margem o perigo de romantizar a opressão, que a margem é justamente um lugar complexo, atravessado pela repressão, mas, sobretudo, pela resistência:

Ambos os locais estão sempre presentes porque *onde há opressão, há resistência*. Em outras palavras, a opressão forma as condições de resistência. Um profundo niilismo e a destruição nos invadiriam se considerássemos a margem apenas uma marca de ruína ou de ausência de fala, em vez de um lugar de possibilidade. (...) Escrever significa falar contra o silêncio e a marginalidade criados pelo racismo. (KILOMBA, 2020, p. 69).

232

A poetisa negra brasileira Carolina Maria de Jesus, a despeito da baixa escolaridade e de todos os fatores extrínsecos que impunham um silenciamento ao qual sempre resistiu, produzia religiosamente escritos dos mais variados gêneros, cujo valor literário é, sem dúvida, indissociável do valor sociológico que carregam (CARPEAUX, 1964). Forma de redenção em meio à tanta miséria, mas também de orientação no mundo, Carolina Maria de Jesus nos contou sobre sua relação com o universo letrado, e não se dobrou à ideia de que a literatura pertença aos “fidalgos”: em *Quarto de Despejo*, Carolina afirmou a potência de enfrentamento da poesia, da qual se valeu diante da opressão do povo – “...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (JESUS, 1995, p. 35) e confidenciou em *Meu Estranho Diário* sua fascinação pelos livros e a conclusão de que são justamente aqueles postos à margem – os “pobres” –, que deveriam se apropriar da literatura como “bússola”, forma de orientação na vida no “porvir” (JESUS, 1996, p. 167).

Para compreender a relação conflituosa entre a autora e seu lugar de fala, é necessário igualmente considerar o momento histórico do país: período que antecede a ditadura militar, sob a sanção de um texto constitucional arcaico, e passando da esperança diariamente frustrada no desenvolvimentismo industrial à realidade do



aprofundamento da miséria urbana e altos índices de desemprego (passagem da era Kubitschek ao regime militar). Nesse contexto, é razoável supor que somente após o período de abertura democrática e com o avanço de políticas públicas que trouxeram aos marginalizados também o pão e o trabalho (e não somente esperança) houvesse então a gestação do orgulho de se *pertencer* a uma favela¹⁶, a uma comunidade periférica, a lugares que podem se ver, inclusive, representados nos altos escalões do poder – em que pese toda e qualquer ilusão e possível crítica subjacente a essa história. Nesse sentido, observa Miranda:

(...) os sentidos de pertencimento ao espaço da favela são bem distintos. Toda a luta de Carolina Maria de Jesus – e de outros sujeitos cujas histórias são narradas por ela – era para sair da favela, espaço que violentava sua dignidade. Não havia, absolutamente, na favela do Canindé onde a autora viveu a ideia de pertença a uma comunidade, muito forte nos discursos mais contemporâneos acerca da vivência nas periferias, cujos princípios abrangem a crítica feroz ao sistema social opressor, desigual e violento (MIRANDA, 2010, pp. 13-14)

Da época de Carolina Maria de Jesus à primeira década do século XXI, as populações periféricas brasileiras, do campo e da cidade, viram diante de si possibilidades reais de saída de uma condição de miserabilidade e de melhoria de vida, bem como o respeito à sua dignidade como prerrogativa da nova carta constitucional – conquista, em certa medida, da abertura democrática, das lutas sociais e dos projetos institucionais voltados à inclusão e reparação histórica, não focados apenas nos anseios do capital financeiro. Conquistas significativas dos movimentos populares, feministas e antirracistas que, posteriormente, voltaram a ruir com a ascensão de figuras populistas e líderes autocratas, saudosos das trevas ditatoriais, ao exercício de cargos públicos, com suas afrontas cotidianas ao próprio Estado Democrático de Direito.

Embora questões dessa natureza não fossem, à época, tematizadas nos excertos selecionados pelo jornalista Audálio Dantas, a ciência do poder investido nas mãos dos governantes era claramente expressa pela escritora, bem como da relação da ditadura com o silenciamento dos artistas e a cooptação das demandas populares por figuras populistas.

Não obstante, a poeta oscilava entre a negação da sua condição de favelada e a formação, através de seus escritos, de uma identidade periférica e de resistência ao poder e controle dos fidalgos – identidade hoje reivindicada pelos movimentos de resistência e luta contra a opressão dos marginalizados –, mobilizando em seus diários um vocabulário plural, que se projetava para

¹⁶ Parece-me que uma análise mais detida sobre a formação do sentimento de pertença nas comunidades periféricas poderia enriquecer o olhar sobre o estranhamento de Carolina em relação à favela. Dado o limite (quanto à extensão) e escopo do artigo, apenas sinalizo a hipótese de pesquisa.



além do relato biográfico: sua narrativa não apenas apresentava ao leitor uma triste e amarga história de vida, como *constituía ela mesma um sujeito* ou alteridade – no caso, a Carolina Maria de Jesus que se construía como escritora, mulher, negra, periférica e combativa. Inquieta-se Carolina (2007, p. 60), que sonhava em estar à frente das batalhas, não apenas através da arte: “Não poderia viver tranquila neste mundo, que é semelhante a uma casa em desordem. Oh! Se me fosse possível lutar para deixá-lo em ordem!”.

Além disso, como muito já se evidenciou, a oralidade ocupava lugar central em seus escritos, por maior que fosse a preocupação expressa pela escritora (e muitas vezes abafada por Dantas) em refinar sua escrita, numa espécie de tentativa de acompanhar ou cumprir com certos critérios formais daquilo que reconhecia como uma literatura digna. Sobressai, contudo, uma rica galeria de expressões e neologismos que somente alguém falando *desde* a margem poderia apresentar – fato que não passou despercebido pelo jornalista Audálio Dantas. No entanto, este referido lugar é de *transitoriedade* (MIRANDA, 2013, p. 15), pois negado a todo tempo pela escritora: essa negação, somada à imposição de Dantas de um molde para sua produção foi motivo de grande sofrimento e revolta por parte de Carolina, que nunca abandonou, contudo, seu projeto literário próprio.

234

É importante destacar, igualmente, que a sua relação com a “cidade grande” é peculiar: embora tenha migrado como uma das centenas de milhares de trabalhadores que acompanharam o grande movimento de êxodo dos anos 1950, na esperança de progresso e forte crença na sua força de trabalho, Carolina acordava todos os dias, como dizia, para “escrever seus versos”. Não se identificava com aquelas “mulheres da favela”, nem com os “nortistas”¹⁷ – tanto que resolveu se mudar com seus três filhos, do *quarto de despejo* para o *quarto de alvenaria*, tão logo lhe foi possível. Esse modo de ser atravessado pela escrita e sua relação com a favela era notada também pelos moradores do Canindé:

Esse seu estar fora-do-mundo pela escrita era percebido pelos moradores da favela que entendiam seu ato de escrever como negação e distanciamento daquele mundo. Sua escrita era condenada e, ao mesmo tempo, temida (...) O seu diário era a prova de que Carolina tinha criado uma poderosa arma contra seu sofrimento, um distanciamento necessário daqueles que no seu entender eram responsáveis pelo seu sofrer: a favela e os favelados. (...) Carolina vive em São Paulo a experiência inquietante da modernidade, ao colocar em xeque seus princípios tradicionais de ordenar o mundo, é obrigada a viver um processo de individuação, de autonomia que é transformado em seu desafio de sobrevivência. As sensações de abandono, de solidão, de não poder contar com nada ou ninguém a não ser com seu próprio corpo são

¹⁷ A autora era mineira, tendo migrado para a capital paulista no ano de 1948. Sobre breve e relevante histórico pertinente à favela do Canindé, indico a leitura de MIRANDA, 2013, pp. 14-16.



definidoras de sua experiência que engendra seu sofrimento social. A noção de sofrimento social é bastante oportuna para se pensar a dimensão da escrita nos diários de Carolina, sobretudo quando esse sofrimento se cristaliza na categoria onipresente em seu discurso sobre o mundo: a fome (GONÇALVES, 2014, pp. 35-36)

À fome, à marginalização somam-se questões de gênero, raça e classe conjugadas, tortuosamente, nas páginas da autora, que identifica a favela ao lugar – tal qual intitula sua obra – do despejo, do indesejado, do que não tem serventia (JESUS, 1995, p. 28). Carolina não se via preterida apenas da sociedade tradicional, mas também da favela por não reconhecer aquele lugar como uma comunidade, mas antes como a destinação que os homens de poder impunham aos marginais, aos pobres, aos indesejados. Sua construção enquanto personagem da narrativa é, ao mesmo tempo, um processo de conhecimento de si – de sua condição, e de seu *ethos*. Carolina aponta o “fora” (da favela, da subalternidade, da miséria, do anonimato) como o visado – ela é uma “escritora” e há de ser reconhecida por isso (JESUS, 2014, p. 13; 95; 102) – ao mesmo tempo em que se solidariza ao povo quando reconhece, em algum momento, sua própria condição social (ainda que pelo viés da negatividade):

Abri a janela e vi as mulheres que passam rápidas com seus agasalhos descorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitol que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. E os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo (JESUS, 1995, p. 33)

Importa também reter, do *Quarto de Despejo*, seu caráter de denúncia: embora o texto de Carolina não seja estritamente militante ou panfletário, sobretudo à maneira como foi compilado por Dantas, seu sucesso estrondoso se deve, em parte, por desnudar o abismo social existente na maior metrópole brasileira: as condições desumanas às quais seus moradores se viam submetidos, o contraste do discurso desenvolvimentista com o chão da trabalhadora não-formal, bem como a condição da mulher negra, mãe solo, migrante e de baixa escolaridade em sua própria não-comunidade, bem como os dolorosos processos através dos quais sua subjetividade pode se construir, onde impera a fome e o desalento. Já em *Diário de Bitita* – a respeito do qual se pondera sobre a construção da personagem Carolina na infância à Carolina madura¹⁸ – o tom é ainda mais incisivo:

¹⁸ Embora *Diário de Bitita* se apresente como um relato das memórias de infância da escritora, o fato de ter sido entregue para publicação apenas em 1975, após um período em que Carolina se recolhe em Parelheiros, zona sul de São Paulo, suscita a ideia de que a escritora, já madura, teria lapidado a



Ficava com dó daquela gente. Os homens pareciam esqueletos ambulantes. Mas eu estava com seis anos; o que poderia eu fazer para amparar aquele povo infausto? Minha mãe dizia: - Eles são baianos. São da terra do Rui Barbosa. Eles abandonam sua terra e saem vagando pelo Brasil a procura de trabalho. Porque se eles ficarem por lá, morrem de fome. Lá não chove. Puxa! Então a chuva faz falta mesmo! Então é por isso que o Rui Barbosa queria preparar um Brasil para os brasileiros? O Brasil foi descoberto em 1500 e se não fosse tão espoliado, os homens do Norte não viveriam intranqüilos, andando de um estado para outro, porque o Brasil iniciou-se no Norte. O que fizeram com as riquezas do subsolo? Foram devoradas pelos abutres insaciáveis. Eram tipos egoístas que comiam a carne e deixavam os ossos para os naturais sem dentes (JESUS, 2007, pp. 119-120).

236

Ao traçarmos um paralelo em relação aos tempos atuais – autorizado pela reivindicação da obra de Carolina como símbolo de um *Brasil para brasileiros* –, vemos que a despeito dos avanços sociais conquistados pelo povo – dentre eles, a abertura democrática com a promulgação de nova Carta Constitucional e com as eleições diretas –, outros problemas ainda são superlativos: o genocídio do povo negro, por exemplo, corre a pleno vapor e é invisibilizado em grande parte do tempo; uma disposição xenófoba se alastra em parcela significativa da população, índices de miséria e desemprego, outrora em queda, estão novamente batendo recordes assustadores, dentre outras graves mazelas. Prova, mais do que cabal, que a democracia e as conquistas sociais não se cristalizam no tempo, mas precisam de defesa incansável e ininterrupta.

Portanto, dar visibilidade através da arte a vozes historicamente silenciadas – muitas vezes silenciadas pelo próprio cânone – foi uma das maiores virtudes de Carolina Maria de Jesus, a despeito dos caminhos tortuosos que percorreu para se fazer ouvida. A potência de sua fala, expressa ao longo das mais de seis mil páginas deixadas, está intrinsecamente relacionada à sua batalha pelo direito de existir, existir dignamente enquanto poetisa, mulher, negra, mãe solo – a despeito de toda uma estrutura que lhe resiste. Não por acaso, o capital simbólico legado por sua trajetória – tanto de vida, quanto de sua narrativa – é mobilizado pelas novas gerações e por novos sujeitos, forjados também *desde* a margem, em seus processos de enfrentamento à opressão e afirmação de identidades e formas de vida.

personagem Carolina-criança, à sua maneira, estando liberta do verniz editorial que havia lhe sido imposto nas versões de *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria*.



REFERÊNCIAS

- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- CARPEAUX, Otto Maria. Romance e sociologia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1964. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/53394 Acesso em: 07 dez. 2022.
- CARRIJO, Fabiana Rodrigues; SANTOS, João Bosco Cabral dos. Nas fissuras dos cadernos encardidos: o bordado testemunhal de Carolina Maria de Jesus. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 2, p. 415-438, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-76322012000200003> Acesso em: 07 dez. 2022.
- CASTRO, Susana de. “Um Brasil, para brasileiros”: O pensamento decolonial de Carolina Maria de Jesus. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, [S. l.], v. 39, n. 2, p. 10-20, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1517-0128.v39i2p10-20> Acesso em: 9 dez. 2022.
- DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Ática, 1995.
- DANTAS, Audálio. Casa de alvenaria – história de uma ascensão social. In JESUS, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961.
- GONÇALVES, Marco Antonio. Um mundo feito de papel: sofrimento e estetização da vida (os diários de Carolina Maria de Jesus). *Horizontes Antropológicos* [Online], 42, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/678> Acesso em 07 dez. 2022.
- JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. [Org.] José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Sacramento: Editora Bertolucci, 2007.
- JESUS, Carolina Maria de. *Meu Estranho Diário*. São Paulo, Xamã, 1996.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1995.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- LEVINE, Robert M.; MEIHY, João Carlos Sebe Bom. *The Life and Death of Carolina Maria De Jesus*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom de. O inventário de uma certa poetisa. In *Antologia Pessoal*, poemas de Carolina Maria de Jesus (Org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- MENEZES, Hélio; BARRETO, Raquel. Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros. Texto da curadoria. s/d. *IMS Paulista* [Online]. Disponível em: <https://ims.com.br/2022/01/11/carolina-maria-de-jesus-um-brasil-para-os-brasileiros-texto-da-curadoria/> Acesso em 08 dez. 2022.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-13112013-100432> Acesso em 13 dez. 2022.
- PALMA, Daniela. As Casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória. *Cadernos Pagu*, v. 51, p. 1-31, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700510016> Acesso em: 10 dez. 2022.
- PEREIRA, Deise Quintiliano. Diário de Bitita: a autobiografia ensaística de Carolina Maria de Jesus. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, n. 58, p.



1-10, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40185811> Acesso em 13 dez. 2022.
PERPÉTUA, Elzira Divina. Aquém do Quarto de despejo: a palavra de Carolina Maria de Jesus nos manuscritos de seu diário. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 22, p. 63–83, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8944>
Acesso em: 12 dez. 2022.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

SPIVAK, Gayatri Ghakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

